

Gravação: arquitetos_ep2_penna_versao_bloco_unico

Duração do Áudio: 32 minutos

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico

[01:00:40:07]Gustavo: A primeira coisa que o primeiro homem fez no planeta, o primeiro homem ancestral nosso, foi a arquitetura. Ele não fez medicina, nem fez artes, ele não pintou as paredes, ele nem fez comida. Primeiro ele arrumou um lugar, primeiro ponto, ele teve que interpretar o mundo que o cercava, e descobrir neste mundo que o cercava, um lugar que cabia sua corporeidade. Lagoa Santa, tem essa lagoa que é uma dolina, rebaixamento da camada superficial da Terra e gerou uma lagoa natural. Eu acho que é aqui é que onde eu deixo minhas horizontais né, que é que alinha, quando eu posso admirar da casa, que eu vejo o outro lado da lagoa, eu vejo a linha horizontal, e a linha horizontal ela me acalma. Eu acho que é... É um lugar que eu contemplo pra serenizar o cérebro, é como se você diminuísse a intensidade do pensamento. Nós vivemos numa Terra de muita montanha, muita vertical, vertical, vertical... E isso quando você precisa pousar numa linha horizontal, pensar calmamente. Se você entrar numa casa, você

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

conhece a pessoa. Acho até uma benção você mostrar o lugar onde você gosta de viver, porque é uma maneira de você ver como é que você interage com o outro. Sem o outro, você cria um espaço plano, sem graça, e o espaço plano egoístico. Pra você fazer um espaço que seja arquitetônico, eu acho que cê tem que convidar o outro pra participar. A arquitetura não tem o direito de se esconder. Ela ocupa o espaço na Terra, ela ocupa espaço na natureza.

[01:02:58:19]Guilherme: Gustavo Penna é um arquiteto de Minas Gerais que carrega a marca de ser um arquiteto mineiro. Isso é, a sua produção dialoga muito fortemente com a paisagem e com o ambiente cultural de Minas, que é notadamente intimista né. E Minas é também o Estado marcado pelas cidades históricas, pelo ouro e a presença do passado, a presença da colônia, a presença de uma delicadeza que também se desdobra paradoxalmente numa certa potência plástica. Gustavo Penna dialoga também com a arquitetura pós-moderna no início da carreira, o que é um traço distintivo no Brasil, país no qual o pós-modernismo foi, em geral, muito negado. Com isso tudo, dá-se uma combinação interessante e singular no campo da arquitetura brasileira.

[01:03:55:21] Gustavo: Como diz Rilke, "a casa é uma existência". Eu acredito profundamente nisso como uma ferramenta de viver. O espaço arquitetônico é essa transição. A gente tá passando por ele, ressignificando o espaço arquitetônico. A casa de uma criança é o universo poético dela, é o universo do sensível. É a tradução do mundo, pra criança é a casa dela. Aqui é o meu escritório, comecei a usá-lo como escritório em mil novecentos e sessenta e oito e era a casa do meu avô, que ocupei embaixo e fui ficando, e daqui nunca mais saí. São paredes grossas né? Essas casas estilo eclético. É uma casa fechada, simétrica, neoclássica, mas tem um quintalzinho, o Lúcio Costa descreve isso muito bem, é uma casa de fachada austera, com as janelas todas muito bem redesenhadas, mas tinha um alpendrezinho todo em, todo engraçado e descontraído ao lado. E essas casas foram as casas do início de Belo Horizonte, essa casa tem cento e dez anos. Toda casa antiga tem fantasma, essa não é uma exceção. Também aqui nós temos fantasma, só que os fantasmas são todos os meus parentes. (Risos). Meu bisavô morou aqui, minha mãe nasceu aqui, casou aqui, viveu aqui, morava com meu avô. E essas pessoas já se foram. Então, é uma casa que tem memória, tem cheiros, tem

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

luminosidades... Eu gosto de saber que essa casa tem os seus fantasmas né. E saber que já que nunca teve outra família habitando esse lugar, os fantasmas são todos meus amigos. Por exemplo pra lá, passou o tio Zezé ali, muito simpático... E aí nós interferimos na casa, cê vê, as luminárias aparece uma luminária que entra em contato com outro com aqui, completamente um jogo de tempos, uma soma de tempos. Essa escada também, é uma escada contemporânea, que é uma prótese, ela não tem nenhuma relação com a casa antiga, mas ela faz um jogo, relacionamento das horizontais com as verticais dela. O verde tá aqui, verde tá ali, o verde tá lá. A gente tá no centro da cidade, mas absolutamente envolvido de verde. Eu penso que uma cidade que você chegue de muros, de coisas que cortam, que limitam, vai se transformando numa cidade onde se não vive. Eu sou a favor das cidades caminháveis. Cidades caminháveis, no meu modo de pensar, não é uma cidade onde você possa caminhar, é uma cidade onde você é convidado a caminhar, onde é seguro e prazeroso caminhar. E caminhar significa reconhecer a própria cidade, através dos seus edifícios, dos cheiros, das pessoas. Então acho que nós precisamos de transformar as megacidades em pequenas cidades. São pequenas cidades dentro de uma grande cidade. Pra mim, a cidade é uma soma de tempos. Os tempos vão se somando, não é supressão de um tempo, porque as cidades que suprimem totalmente uma época, faz com que ela perca memória. Aqui é a Rua da Bahia, eu costumo dizer que é o verdadeiro rio cultural de Belo Horizonte, porque toda essa rua é cheia de história. Eu acho que a missão nossa aqui era exatamente usar [inint] [01:08:18:20] Borges da Costa, do casarão de Borges da Costa, projeto do Luiz Signorelli, determinados elementos que repetidos aqui. Então nós fizemos aqui um cruzamento, as colunas lá estão no andar superior, aqui tem um andar térreo. A parte fechada de baixo, em curva, foi alçada ali. A ideia da casa fechada pra rua, nós fizemos um salão aberto pra Rua da Bahia. Então é um cruzamento de valores. A textura é a mesma, a pele é a mesma, a história da Rua da Bahia é contada também dessa forma. Quer dizer, a literatura vai descrevendo a cidade, os prédios também vão testemunhando essa descrição. Aqui é interessante que a luz entra horizontal, depois ele escapa. Então o espaço cresce de tamanho. A Rua da Bahia, vê aqui, a casa propunha o fechamento pela casa, e a academia propunha uma integração. Literatura. É o Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino. Murilo Rubião.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Roberto Drummond, Otto Lara Resende, Guimarães Rosa. Todo mundo subiu, Bahia se desceu floresta. É cidade narrada né? Uma casa palladiana que tem esse, esse espaço aqui como um espaço de recepção, que tá os convidados todos aqui embaixo esperando e o dono da casa chegava lá de cima, se anteparava ali, cumprimentava as pessoas, depois ele descia por essa escada. Isso aqui é uma única madeira, única peça de madeira, toda torneada em jacarandá. É o tempo... Aqui o tempo... Você ouve o tempo né, sente o cheiro. Quantos vivem a buscar o ideal pelos espaços e o ideal aqui na Terra ao alcance dos braços. Meu avô era um poeta parnasiano, bissexto, tá ali ó. Meu pai foi pioneiro de Brasília, ele foi o primeiro grupo de engenharia que chegou no território, onde é Brasília hoje, foi, foi com ele, foi a equipe dele. O Brasil roubou meu pai, porque no período eu tinha cinco anos de idade e lá foi meu pai pra fazer Brasília, né? E não voltava mais pra casa, ele se internou naquele... No Planalto Central do país. E essa história é bonita, porque nesse momento eu [inint] [01:11:38:27] viro arquiteto, quer dizer, eu acho que eu convivi com uma trajetória do meu pai. Meu pai foi uma referência muito importante na minha vida. Caçador, aquele caçador que respeitava a natureza, conhecia a topografia... Sabia ler na topografia onde que ficava um olho d'água onde tinha uma formação de mata, como é que era a geologia do terreno. Ele era um índio, tinha um jeito índio de olhar as coisas. A biblioteca do vovô tá aqui né, é essa sala, que veio aqui pra Academia Mineira de Letras. Aqui inclusive tem uma dedicatória com a letrinha do meu avô, tá aqui ó. "Ao querido Vivaldi, com a minha simpatia intelectual, e o grande e sincero amizade. José Oswaldo de Araújo". Tem um aqui que é bonitinho que fala de sabiá. Eu gosto de passarinho. "Cantou num galho da mangueira antiga, um sabiá toda tarde sem parar. Canto cheio de angústia, era cantiga de quem cantava pra não chorar". Eu acho que o que define mais a alma mineira é a montanha, porque a montanha ela simboliza o guardado, o mistério, o interior. Quer saber se uma arquitetura é boa ou ruim, é saber como ela dialoga com a natureza. O lugar [01:13:31:08]. Talvez das construções mais arquitetônicas da natureza sejam as montanhas mesmo. Porque a cada hora do dia elas têm uma cor, elas têm uma sombra, elas vão desenhando o território de uma forma totalmente diferente. Então é ela que é a primeira presença, a presença primitiva. Contemplação pra mim é o exercício mais importante do montanhês. O montanhês, ele é

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

de poucas palavras, porque ele tá sempre diante de uma imensa né, uma forma imensa que é a montanha. Ele é desconfiado, mas ele é profundamente amigo, é amoroso, ele valoriza essas coisas do coração. Eu acho interessante o povo da minha terra, por ser assim. Eu gosto dessa dimensão do mineiro que guarda o que é de mais imaterial, indizível, como um valor, que tá aí né, enfiado dentro de uma montanha dessa. Belo Horizonte é uma cidade relativamente jovem, porque ela foi fundada em mil oitocentos e noventa e sete. E é por isso que eu acho que Belo Horizonte não teve um cuidado, porque as pessoas gostavam muito mais da terra onde elas vieram do que da outra terra que elas estavam chegando. Então eu acho que o momento de belo-horizontinos, filhos de belo-horizontinas, está acontecendo, aconteceu comigo, eu fui a primeira geração, minha mãe nasceu em Belo Horizonte. Morreu com noventa e seis anos. Quer dizer, é do principinho de Belo Horizonte, eu sou filho de uma belo-horizontino. Eu brinco muito com as pessoas sobre as esquinas de Belo Horizonte, a cada cem metros, uma cidade de esquinas como a minha, você tem que encontrar com outro, obrigatoriamente. Então esse é o exercício urbanístico de democracia. Eu acho essas cidades que tem uma avenida muito ditatorial, direção uma só né, o motorista, o cara ele tem uma sensação de onipotência. Já numa cidade que você tem que considerar sempre, você reduz sua velocidade e considera o outro. Por isso que eu acho que o [inint] [01:16:04:01] da esquina, não é à toa que ele surgiu em Belo Horizonte porque ele surgiu na Rua Paraisópolis, lá no Santa Teresa, é uma esquina.

[01:16:17:18]Toninho: Aí gostei dessa melodia (-cantarolando), aí continuei... E fui embora... (-Cantarolando). Falei "agora se eu ficar fazendo isso a vida inteira vai ficar ruim né?". Aí eu resolvi descer (-cantarolando). Mas vai caindo um tom acima, aí ó (-cantarolando), caiu mais um tom acima. Então a música se chamou de tom pra tom.

[01:16:46:13]Gustavo: Cê falou tempo, subir, descer, entrar, sair, é tudo arquitetura. Tem que ter porta janela, escada.

(Risos)

[01:16:53:08]Toninho: Tem que ventilar, tem que ser claro, tem que ter uma paisagem bonita...

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

[01:16:56:24]Gustavo: Tem que ter uma paisagem bonita...

[01:16:57:12]Toninho: É...

[01:16:58:20]Gustavo: Existem músicas planas... Esse é um pensamento meu, músicas dimensionais e música tridimensional. Eu acho sua música tridimensional. (-Cantando) "Manoel, o Audaz...", cê viu?

[01:17:16:02]Toninho: (-Cantarolando).

(Risos)

[01:17:19:07]Toninho: Quer dizer, a melodia acompanha as [inint] [01:17:20:08].

[01:17:22:07]Gustavo: Sua música tem montanha e eu tenho montanha no meu trabalho. Há pessoas que pensam o plano ideal. Plano ideal, constrói uma arquitetura em cima do plano ideal.

[01:17:32:21]Toninho: Ahã.

[01:17:32:27]Gustavo: Que é a terra arrasada né? Limpa primeiro, faz a terraplanagem do terreno, depois constrói o prédio. Eu gosto de fazer com que o prédio ganhe aquele acréscimo da montanha.

[01:17:42:13]Toninho: Acho que é um lado nosso audacioso né do artista em geral mineiro assim, ele tenta fazer as coisas diferentes. Ao mesmo tempo que a gente é introspectivo, desconfiado e tal, mas cada um faz o seu trabalho quietinho, mas quando aparece assim na viagem, o cara viaja à fundo as ideias né.

[01:18:09:11]Gustavo: No século XVIII, século XVII, século XVIII, a arquitetura que se fazia no litoral, era uma arquitetura trazida de Portugal, era uma arquitetura colonial. Quando ela foi feita no interior do Brasil, ela já não podia contar com aquelas pedras espetaculares que vinham nos navios, que faziam os frontões das igrejas... Entendeu?

[01:18:30:19]Toninho: Aquelas portas maravilhosas.

[01:18:31:20]Gustavo: Aquelas portas... Tudo vinha no navio. Eles tiveram que inventar uma arquitetura e uma escultura aqui, aí surgiu Aleijadinho. Você vê por exemplo, os

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

profetas que nós [inint] [01:18:41:04] agora, se você for olhar aqueles, aqueles... Profetas em cedro, eles têm feições que são quase que impressionistas, elas não são, elas não são acadêmicas da Europa não, elas são brasileiras. Nós temos aqui um museu de sítio. Não é um museu que tá dentro de um prédio, é um museu que ocupa um espaço urbano.

[01:19:38:16]Laura: O museu ele dá um suporte né pra você conseguir apreender a joia que tem no entorno.

[01:19:53:23]Gustavo: Nem acredito... Nem acredito.

[01:19:57:05]Laura: Dá muito orgulho assim, a gente vê realizado, porque é uma luta, sabe? Dez anos de trabalho.

[01:20:09:25]Gustavo: O que eu fiquei mais feliz hoje, foi o tipo de gente que eu vi né, a gente saber que tem uns senhores daqui da cidade, são crianças de escola... É muito variado, mas o que eu gosto também é o seguinte, que não só existe uma integração com a comunidade, mas também existe uma integração arquitetura e com o lugar. Tá integrado, ele parece que já fazia parte disso.

[01:20:35:10]Laura: Você lembra que o correspondente que veio fazer uma matéria aqui? Ele chegou pra você e falou assim...

[01:20:41:14]Gustavo: É mesmo, foi o [inint] [01:20:41:19].

[01:20:42:19]Laura: É, "onde que é o museu? Eu andei, percorri as ruas e não encontrei esse [inint] [01:20:46:26]", maior elogio.

(Risos)

[1:20:51:12]Laura: E o terreno, o declívio, o jeito que o prédio se relaciona com o terreno permitiu isso, dele se revelar em certos momentos, dele se adaptar totalmente em outros. É respeitoso, é reverente, e ao mesmo tempo é... Tem personalidade, tem força né.

[01:21:06:16]Gustavo: Falta de consideração é falta de educação, não é? Quando você diz falta de consideração por uma pessoa, e quando cê faz uma falta de consideração por uma arquitetura preexistente? Porque isso é uma discussão que tem que vir à tona sempre,

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

tem que tá sempre discutindo como é fazer uma arquitetura nova junto a um sítio histórico, sem que ela perca a personalidade. Porque se ela ficar absolutamente...

[01:21:30:14]Laura: Camuflada?

[01:21:31:08]Gustavo: Camuflada, pra que que ela existe? Você tem obrigação de testemunhar seu tempo, você não pode fingir que você não existiu.

[01:21:40:07]Laura: Você pisa devagar, mas você tá ali.

[01:21:42:13]Gustavo: Exatamente. Eu me preocupo sempre em oferecer à pessoa que me confia um trabalho, um olhar de mundo, não é uma capacidade de riscar um projeto, fazer um desenho, bom ou ruim, vamos falar de mundo, vamos falar de visões que a gente tem das coisas. Cê tem que ter a percepção do significado do gesto arquitetônico. Por exemplo, se eu quiser excluir uma coisa, eu faço assim, se eu quero incluir eu faço assim. E esse gesto quem tá fazendo é o prédio. Esse gesto é o gesto arquitetônico. Tá há vinte anos aqui e não tem grade frontal, quer dizer, a frente do prédio não tem grade. Corre a linha horizontal, vai à vertical, fecha lá em cima no coroamento, desce nesse plano e fecha ali na parede. Isso, que que é isso? Eu acho que isso é um prédio que não entra em competição com o que tá do lado, por exemplo, que parece até uma doença, uma espécie de catapora de janelas né, uma coisa... Pra que tanta janela se você pode fazer uma coisa mais simples e que responda à rua com mais dignidade. Ele não tá propondo uma relação exuberante pra rua, cê vê o paisagismo extremamente simples. É um prédio despojado de... Daquela dimensão cubística né, ele não tem quadras de tênis, de peteca, de vôlei, ele não tem sauna, ele não tem piscina... Ele tem esse espaço, é uma sala de estar né. Você vê que o prédio tem por esses vazios que ele tem, ele vai dialogando com o ambiente todo, ele não é aquela massa fechada, compacta, mas é uma massa atravessada pela luz, pelo verde. O que que você chama aquilo que ultrapassa função? Aquilo que te cativa e cê diz "que lugar lindo!", não é, "que arquitetura harmônica". Isso, isso que ultrapassa função, eu acho que é arquitetura. Eu acho que arquitetura não é dentro nem fora, é através. Eu não vejo arquitetura em uma foto, uma foto tá bem, é uma foto. Eu sei que aquele edifício é aquilo, eu não tiro a percepção do edifício, eu conheci, "ah, então é um edifício alto, tal", eu não vi o edifício, mas eu não senti a força do edifício. Agora, quando

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

eu entro dentro dele, percorro os ambientes e vou somando a percepção de um com outro, de fora, de dentro e através, aí eu falo "agora entendi essa arquitetura". Cê não pode tirar o sensível nunca da arquitetura, você tem como o sensível o sentido total, cheiros, escutar a arquitetura... Arquitetura tem acústica, tem som. Prédio em obra é um espetáculo né, porque você sente cheiro de tinta, vê as coisas aparentemente ainda em estado bruto. Depois você vai ver aquilo sendo refinado até que fica... Quem não entende e obra, não consegue imaginar como é que isso é feito. Essa ideia da curva eu acho interessante, porque não é um prédio enfrentando o vento né, é o prédio encaminhando o vento, o vento encaminhando o prédio. E aqui tem esse mar de montanha. Nova Lima é uma cidade vizinha a Belo Horizonte, colada, e que tem como a divisa de municípios a Serra do Curral. Os terrenos são de topografia difícil, então naturalmente surgiu a construção de prédios mais isolados, não próximos um do outro. Então a gente fez uma proposta de fazer um tratamento urbanístico dessa área. Isso é interessante porque seria uma maneira mais intensiva de ocupar o terreno, ao invés da maneira extensiva, que é você encher aquele terreno de topografia acidentada de casas, que cada casa provoca uma erosão. Quando você faz o prédio, você pode, cê atua intensivamente em algum lugar e deixa as áreas todas vizinhas pra plantar árvore de verdade, um chão de verdade. É uma cidade que cresce naturalmente, que tem que atender a essa demanda de habitação, mas ela cresce com um sentimento diferente de ocupação do solo. O escultor quando faz alguma coisa, ele faz uma escultura, ele para um pouco, tira o equipamento e mira. Eu acho que o arquiteto tem também esse tempo, ele pensa, pensa, pensa, mas a obra sempre é diferente porque você tem a questão cromática né, o cromatismo do ambiente que tá aqui, esses verdes, te propõe algumas coisas de harmonia. Então às vezes você altera um pouco a cor aqui, pensa lá, e coisas que você vai concluindo durante a obra. Acho que é um ajuste fino assim, é uma sintonia fina. Eu sempre gostei de desenhar, eu achava que eu desenhava mal demais, eu acho que continuo achando, mas eu penso o seguinte, que o meu desenho não é que ele seja bom ou ruim, ele é o meu desenho. Eu sou Penna né, eu podia sofrer com isso, mas posso desenhar com isso né? Eu posso voar com a pena. E quando cê desenha assim ó, é como se você travasse seu desenho, entendeu? É igual dançar, é igual você dançar com as pernas amarradas. Cê não consegue desenhar. Se você

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

começa a afastar a ponta aqui, aí você começa a soltar, você pode desenhar uma coisa totalmente livre, você tá fazendo carinho aqui ó.

[01:28:39:01]Toninho: Faz uns sons de passarinhos aí em cima dessa música aqui.

(-Toninho começa a tocar o violão)

(-Gustavo assobiando)

[01:29:26:11]Gustavo: A missão sua é se preparar, é se preparar com humildade pra prestar serviço, entendeu? Você vai dar o recado do outro através do seu desenho. É claro que você vai dar o recado do outro, e esse outro nem sempre é o que te contratou. Esse outro é ele que te contratou mais o mundo que o cerca. Eu acho que a arquitetura é ferramenta de viver. Um projeto de arquitetura não é uma resposta, é uma reelaboração de uma pergunta. Se você concordasse com a ideia de que um projeto é uma resposta, você também concordaria que ele vai ter uma obsolescência precoce, porque as respostas nunca são suficientes. Então tem que ser uma nova pergunta, pra que ele possa continuar no tempo, possa gerar o processo e não fechar o processo, ele não define, ele gera. O passarinho [inint] [01:30:34:25].

(Risos)

[01:30:36:12]Toninho: Porra...

(Risos)

(Aplausos)

[01:30:40:11]Toninho: Pô, que lindo hein, cara! Vamos fazer serenata por aí.

(Risos)

Fim da Gravação 01:31:33:17